

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

POSTAIS PARA O FUTURO: CARTOGRAFIA DE DESEJOS E PERSPECTIVAS PARA UMA SÃO PAULO SOLARPUNK

REBECCA, LETICIA SIQUEIRA CAMPOS¹, RIBEIRO, ANA CAROLINA CARMONA², GALLO, DOUGLAS³

¹ Arquiteta e Urbanista, IFSP, Campus São Paulo, becca.otori@gmail.com.

² Professora Doutora, IFSP, Campus São Paulo, ana.carmona@ifsp.edu.br.

³ Professor Doutor, IFSP, Campus São Paulo, douglas.luciano@ifsp.edu.br.

Sessão Temática: 4 – Cidade e paisagens em disputa

RESUMO: O propósito deste trabalho foi investigar as percepções de moradores de São Paulo sobre paisagens urbanas emblemáticas, como a Estação Júlio Prestes, Liberdade, Ponte Estaiada, República e Avenida Paulista. Por meio da coleta de depoimentos registrados em cartões-postais, analisaram-se críticas, experiências e desejos relacionados à vida cotidiana, desigualdade, degradação ambiental e infraestrutura urbana. O estudo identificou propostas de melhorias e transformações que dialogam com as visões insurgentes do movimento solarpunk, enfatizando mais verde, espaços de convivência, sustentabilidade e cuidado coletivo. Dessa forma, as percepções populares evidenciam caminhos para uma cidade mais humana, inclusiva e ambientalmente integrada.

PALAVRAS-CHAVE: paisagens urbanas; cartões-postais; planejamento urbano; urbanismo insurgente; arte e cidade.

POSTCARDS FOR THE FUTURE: MAPPING DESIRES AND PERSPECTIVES FOR A SOLARPUNK SÃO PAULO

ABSTRACT: The purpose of this study was to investigate the perceptions of São Paulo residents regarding emblematic urban landscapes, such as Júlio Prestes Station, Liberdade, Estaiada Bridge, República, and Paulista Avenue. Through statements recorded on postcards, we analyzed criticisms, experiences, and desires related to daily life, inequality, environmental degradation, and urban infrastructure. The study identified proposals for improvements and transformations that dialogue with the insurgent visions of the solarpunk movement, emphasizing more green spaces, communal spaces, sustainability, and collective care. Thus, popular perceptions highlight paths toward a more human, inclusive, and environmentally integrated city.

KEYWORDS: urban landscapes; postcards; urban planning; insurgent urbanism; art and city.

INTRODUÇÃO

A emergência climática configura-se como um dos maiores desafios contemporâneos, evidenciando os limites de um modelo de desenvolvimento baseado na exploração intensiva, dependência de combustíveis fósseis e crescimento econômico desenfreado. Seus impactos manifestam-se em múltiplas escalas: ondas de calor, eventos extremos, enchentes e secas prolongadas comprometem ecossistemas, modos de vida e aprofundam desigualdades sociais. Portanto, a necessidade de mudanças profundas e urgentes nos modos de produção, consumo e organização das cidades se coloca como condição imprescindível para a sobrevivência coletiva e justiça socioambiental.

Nesse sentido, arte e imaginação desempenham papel central na formulação de futuros alternativos. O movimento solarpunk, em especial, surge como um campo fértil para pensar mundos possíveis, ao propor narrativas que integram tecnologia sustentável, harmonia com a natureza e comunidades mais colaborativas (Silva, 2015 apud Roza e David, 2021). Para além da estética, amplia o repertório de soluções para a crise climática, estimulando novas formas de habitar, produzir e conviver (Fortuna, 2021). Projeta horizontes de esperança, contrapondo-se ao pessimismo distópico dominante e provocando reflexões concretas sobre as transformações urbanas necessárias.

A partir desta discussão, este trabalho teve como objetivo analisar as percepções de diferentes perfis de moradores de São Paulo sobre a cidade, discutindo como seus desejos para um futuro alternativo dialogam com a busca por justiça socioambiental. Especificamente, buscou-se: (i) compreender os contrastes entre a imagem promocional da cidade e as vivências cotidianas; (ii) relacionar os depoimentos com o debate sobre emergência climática e o direito à cidade; (iii) discutir como essas percepções se articulam com o imaginário insurgente do solarpunk.

METODOLOGIA

A pesquisa partiu da seleção de paisagens urbanas representativas da cidade identificadas por meio de cartões-postais. Em visitas presenciais, realizou-se uma análise crítica que confrontou as imagens dos cartões com a realidade vivida pela população. Como estratégia de mediação, transeuntes foram convidados a escrever cartões-postais endereçados ao futuro desses locais, respondendo a perguntas como: *“O que gostaria de ver aqui?”*, *“Quais mudanças deseja?”* e *“O que seria necessário para tornar a cidade melhor?”*.

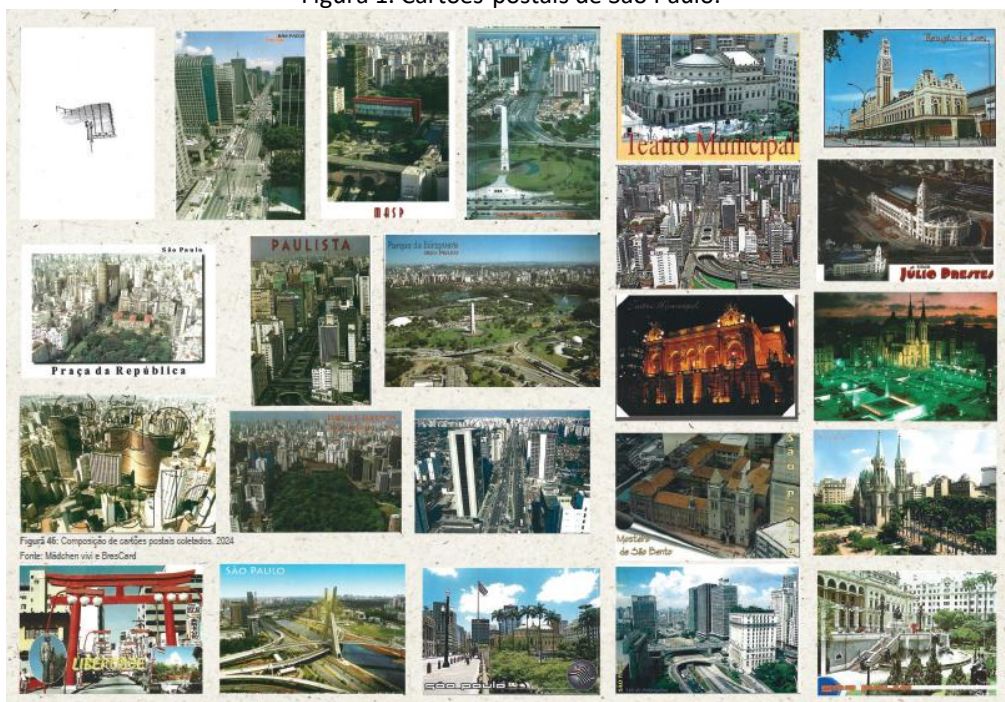
Essa atividade buscou estimular reflexões e incluir diversos perfis sociais (moradores, trabalhadores, turistas, pessoas em situação de rua e policiais) preservando seu anonimato. Ao propor que a população refletisse sobre transformações urbanas desejadas, a experiência buscou se aproximar do exercício do direito à cidade (Lefebvre, 2001), estimulando a participação ativa da população na transformação do espaço urbano a partir do registro de suas ideias, dialogando diretamente com o solarpunk ao imaginar alternativas para os espaços.

Foram coletados 35 cartões-postais, aproximadamente sete por localidade. Os depoimentos, registrados diretamente nos cartões físicos, garantindo a autenticidade das falas e analisados por meio de categorização temática, identificando recorrências e divergências entre as falas. Esse material permitiu compreender os cenários reais e desejos idealizados, além de subsidiar outro trabalho posterior: a criação de painéis pintados à mão, que representaram graficamente os cenários idealizados. Constituindo uma tradução visual que desloca a discussão do urbanismo da linguagem técnica para uma narrativa sensível e acessível.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

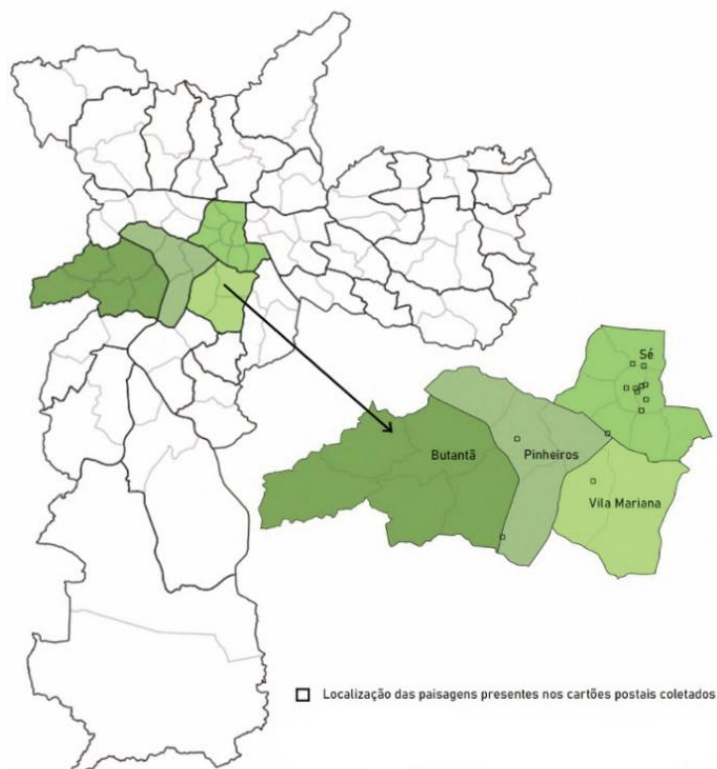
O trabalho analisou paisagens que compõem a imagem popular de São Paulo, ou seja, a representação simbólica construída como ‘marca’ da cidade (Vainer, 2000). Ao coletar cartões-postais (Figura 1) observou-se que as localizações estão concentradas, evidenciando o contraste entre a imagem mercantilizada da metrópole e suas múltiplas realidades sociais (Figura 2). No entanto, a escolha por estes lugares justifica-se pela forma como a emergência climática se manifesta nesses espaços, evidenciando tensões de desigualdade socioambiental, carência de áreas verdes e precariedade urbana.

Figura 1. Cartões-postais de São Paulo.



Fonte: Organizado pelos autores, 2024.

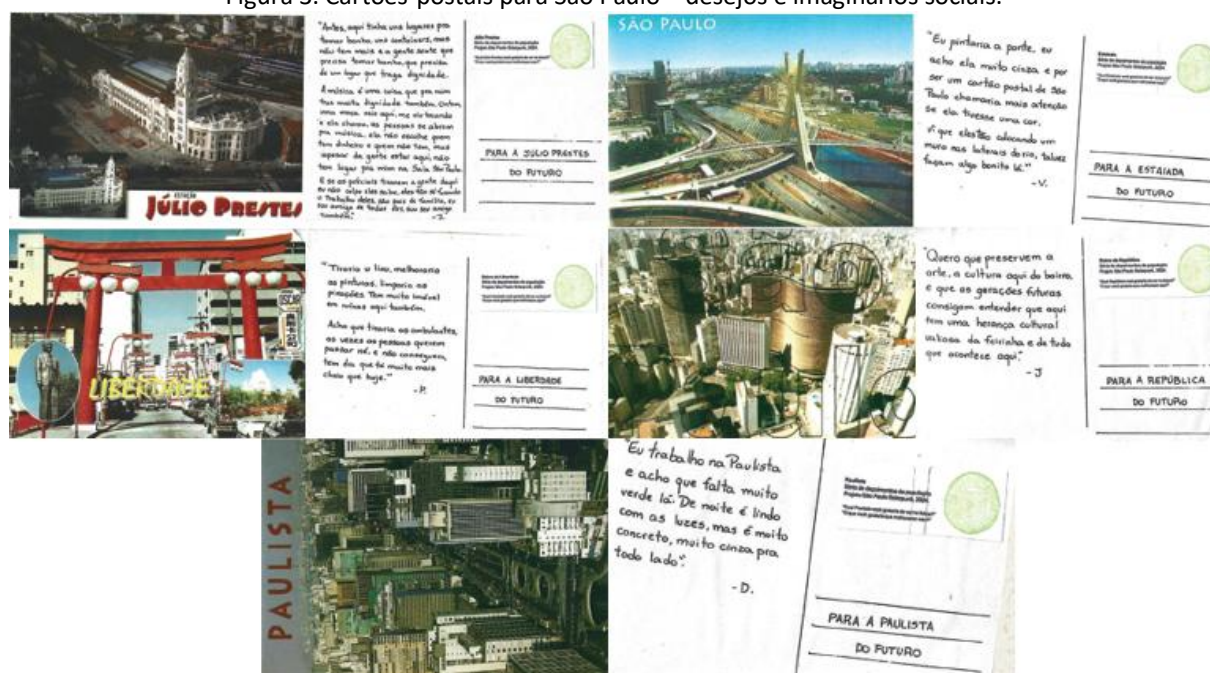
Figura 2. Mapa da cidade de São Paulo - Localização dos cartões-postais por subprefeitura.



Fonte: Organizado pelos autores - Base Geosampa, 2024.

Foram selecionados os cartões da Estação Júlio Prestes, Bairro da República, Liberdade, Avenida Paulista e Ponte Estaiada. Nesses locais, diferentes perfis sociais contribuíram com depoimentos, registrados nos cartões e identificados por iniciais ou pela letra "A", de anônimo (Figura 3).

Figura 3. Cartões-postais para São Paulo – desejos e imaginários sociais.



Fonte: Organizado pelos autores, 2024.

Na **Estação Júlio Prestes**, as percepções expressam a dimensão humana da rua, marcada pela desigualdade, pela importância da empatia e da dignidade que a música e a convivência podem proporcionar, mesmo diante da precariedade e da ausência de políticas de acolhimento.

Na **Liberdade**, as contradições entre paisagem planejada e cotidiano urbano são evidentes: jardins concebidos para contemplação contrastam com o barulho do tráfego e as sugestões apontam para transformações socioeconômicas e melhorias de manutenção e limpeza.

Na **Ponte Estaiada**, observam-se contrastes entre a imponência arquitetônica e o abandono do entorno. Críticas ao cinza predominante e ao mau cheiro do rio acompanham propostas de revitalização do verde, como jardins verticais e despoluição do Rio Pinheiros, além da requalificação das margens para uso social.

Na **República**, surgem preocupações socioculturais. Destaca-se o aumento da população em situação de rua após a pandemia, necessidade de preservação da herança artística e cultural do bairro e a demanda por maior segurança, limpeza e organização.

Já na **Avenida Paulista**, são apontados descuido e falta de pertencimento: lixo, ausência de lixeiras, insegurança e carência de áreas verdes e de descanso. Embora vista como cinza e pouco acolhedora, reconhece-se seu potencial como espaço de convivência, lazer e turismo, especialmente quando aberta aos domingos.

De forma geral, os depoimentos convergem em alguns eixos centrais: a necessidade de mais verde e cuidado ambiental, a busca por dignidade e acolhimento social, especialmente frente à presença crescente de pessoas em situação de rua e a exigência por espaços urbanos mais seguros, limpos e organizados. Cada local, no entanto, revela nuances próprias — da espiritualidade e contemplação na Liberdade, à monumentalidade da Ponte Estaiada, passando pelo patrimônio cultural da Praça da República e pelo papel simbólico da Avenida Paulista.

Em todos os casos, as considerações dialogam diretamente com o debate sobre sustentabilidade urbana e a emergência climática, evidenciando o desejo por uma cidade mais humana, inclusiva e integrada à natureza. Preocupações socioambientais que se alinham às premissas solarpunk e entram em consonância com o direito à cidade entendido como a possibilidade de transformação coletiva do espaço urbano (Lefebvre, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vozes registradas revelam críticas à desigualdade, ao abandono e a lógica excludente presente nos espaços públicos de São Paulo. Ao mesmo tempo, apontam alternativas próximas ao horizonte solarpunk, reivindicando mais verde, rios limpos, solidariedade e cuidado coletivo. Trata-se de um imaginário que resiste ao cinza da cidade e projeta possibilidades de transformação a partir do cotidiano, em que dignidade, empatia e sustentabilidade tornam-se princípios centrais da reconfiguração do espaço. As percepções populares não apenas denunciam as falhas do planejamento urbano hegemônico, mas também elaboram futuros possíveis, insurgentes e ecológicos, dialogando diretamente com os desafios da emergência climática. Nesses horizontes desejados, a cidade se reconcilia com sua dimensão humana e ambiental, reafirmando o direito coletivo de habitar um espaço urbano justo, sustentável e inclusivo.

REFERÊNCIAS

FORTUNA, J. ***O anti-futurismo solarpunk: desenvolvimento de uma estética figurativa e narrativa***, 2021. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2021.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

ROZO, J.; DAVID, J. **Art, Energy and Technology: the Solarpunk Movement**. International Journal of Engineering, Social Justice, and Peace, 8(1), 47–60. 2021.

VAINER, C. **“Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano”**. In: Arantes, O.; Vainer, C.; Maricato, E. *A cidade do pensamento único*. Petrópolis: Vozes, 2000.